

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ÚLTIMA DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS E A INTERPRETAÇÃO DA "PEDRA FORMOSA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da "Pedra Formosa". *Revista de Guimarães*, 41 (4) Out.-Dez. 1931, p. 250-260.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros

e a interpretação da «Pedra Formosa»

(Continuação da página 209)

II — Descrição do monumento

Se o novo monumento, exumado na Citânia de Briteiros, houvesse sido descoberto por Martins Sarmento, ter-lhe-ia provocado uma das maiores satisfações da sua intensa vida de investigador incansável, principalmente por vir esclarecer definitivamente a posição e o uso material da célebre *Pedra Formosa*, que tanto preocupou o seu espírito. Apresenta o monumento o eixo longitudinal orientado, não na direcção rigorosamente Este-Oeste, mas E.NE-O.SO, e tem de comprimento total, incluindo espessura de paredes, 12,^m40. Fica situado na encosta sul do Monte, quasi à margem de uma das calçadas primitivas, e a uns 100^m de distância do núcleo principal das habitações do Castro, na zona entre as muralhas média e exterior. Era uma construção, em parte subterrânea, em parte ao ar livre, constituída por quatro peças ou compartimentos distintos e sucessivos, que designaremos pela ordem seguinte (1):

- a) *Fornalha* (subterrânea, com vestígios da acção do fogo, geradora de aquecimento na peça imediata, com a qual comunica por uma larga porta).
- b) *Galeria* ou *corredor coberto* (também subterrâneo, constituindo o forno propriamente dito ou câmara de combustão).

(1) Acompanhe-se a leitura desta descrição com o exame da respectiva planta, cortes e perspectiva do monumento, das fig. 4 e 5.

- c) *Anfe-câmara* (possivelmente subterrânea, em continuação da galeria coberta e dela separada pela Pedra Formosa).
- d) *Átrio* (vestíbulo ou pátio, contendo um tanque; recinto ao ar livre, onde teriam lugar quaisquer actos rituais anteriores ou posteriores à prática da incineração).

Fornalha. — O compartimento que nós assim designamos, devido aos evidentes vestígios da acção do fogo nas paredes (1), de aparelho irregular e mediano, bem como no seu pavimento empedrado, é uma construção subterrânea, abobadada, de falsa cúpula, de secção horizontal elíptica, e medindo nos dois diâmetros perpendiculares da base $2^m,20 \times 1^m,80$, e no fecho superior $1^m,95 \times 1^m,40$. Tem no centro a altura de $1^m,70$, e apresenta uma porta de $1^m,10$ de largo por $1^m,56$ de alto, limitada por duas fortes e maciças umbreiras. Superiormente, a construção era fechada por meio de largas padieiras cobertas de terra, das quais restam apenas duas, infelizmente, tendo as outras (mais duas ou três) desaparecido, talvez partidas e lançadas pelos operários nas substrações da estrada nova, imediatamente após a descoberta. A parte superior da fornalha pertenceriam também, possivelmente, as pedras avulsas que foram achadas no seu interior, em forma de corôa circular, requeimadas pelo fogo, constituindo, como dissemos, talvez materiais de um tubo de tiragem ou chaminé, com cêrca de $0^m,25$ de diâmetro (cfr. pág. 57 e fig. 1). Igualmente nos escombros do monumento apareceram mais

(1) Colhido um fragmento de pedra da superfície interna da parede desta construção abobadada e submetido à análise do ilustre Prof. de Geologia da Universidade de Coimbra, Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, emittiu S. Ex.^{ca} a opinião de que os vestígios da acção do fogo sobre êsse fragmento eram incontestáveis; submetido ao exame microscópico, mostrou o efeito prolongado do fogo pela apresentação de pequenos glóbulos formados com os elementos constitutivos do granito mais facilmente fusíveis a uma temperatura relativamente baixa, como seria a suficiente para a incineração.

Aqui testemunhamos o nosso agradecimento ao eminente Professor, bem como ao Sr. Dr. Manuel José Ferreira da Costa, Prof. do Liceu Martins Sarmiento, por intermédio de quem conseguimos a realização daquela análise nos laboratórios da Universidade.

tarde duas pedras (fig. 9) ajustando bem e formando um bloco com 80 cm. de alto por 20 cm. de espessura, tendo no centro um orifício quadrangular de 27 cm. \times 25 cm.;

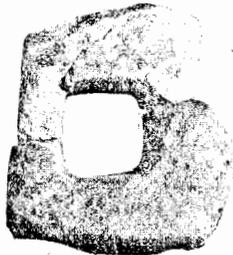


Fig. 9. — Pedras formando um olhal quadrangular, encontradas no interior do Monumento. (Fot. do autor).

estas pedras, que não revelam vestígios de fogo, poderiam constituir a abertura superior e externa da chaminé, ao nível da superfície da terra que cobria a fomalha, onde o contacto das flamas já, por certo, não chegaria. A necessária ventilação desta fomalha fazer-se-ia pela abertura praticada na parte inferior da Pedra Formosa, no extremo da galeria imediata, que passamos a descrever.

Galeria Coberta. — Este compartimento, de forma rectangular, com as dimensões de 2^m,90 de comprido por 2^m,20 de largo, fica imediato à fomalha, com ela comunicando, pela larga porta acima descrita, e com a ante-câmara que se lhe segue, pela abertura, de 50 cm. de largo por 40 cm. de alto, praticada na parte inferior da nova Pedra Formosa, abertura que dá fácil passagem a qualquer pessoa estendida horizontalmente. Tal corredor coberto, pela sua disposição, contíguo à fomalha, constituiria um forno propriamente dito, i. é — o local que se destinaria a queimar ou incinerar completamente, sem haver mistura do corpo incinerado com as cinzas ou carvões do combustível, ardendo na fomalha contígua. Três grandes lages rectangulares, cuidadosamente polidas e mais gastas na parte central, cobrem todo o chão; a maior (2^m,20 \times 1^m,70), sôbre a qual assenta transversalmente a Pedra Formosa, prolonga-se ainda para o pavimento da ante-câmara a seguir. Esta última lage, bem como outra que lhe fica contígua, também apresentam a particularidade de serem constituídas por um rijíssimo granito porfiróide, chamado vulgarmente nesta região «pedra de galho», o qual contém grandes incrustações de feldspato, e pertence à variedade que, em petrologia, toma o nome de granito «dente de cavalo». E' notável, neste caso, a aplicação de uma tão dura pedra, muito rara nas nossas construções castrejas, onde o granito vulgarmente empregado é de grão fino,

amarelado, poroso, bastante desagregável e, por isso mesmo, muito fácil de trabalhar. A referida lage de maiores dimensões apresenta, no bôrdo em contacto com a pedra imediata do pavimento, na linha do eixo longitudinal do monumento, um pequeno recorte rectangular, de 30 cm. \times 18 cm., formando como que uma pequena caixa onde ajusta perfeitamente um fecho ou tampa do mesmo granito. ¿Qual o fim desta cavidade? ¿Escoar para o terreno subjacente quaisquer líquidos ou gorduras em fusão, provenientes da acção inicial do fogo sôbre as matérias orgânicas animais sujeitas à cremação? De facto, o pavimento apresenta-se em declive descendente a partir do forno, conforme já acentuámos (cfr. pág. 209); porém, a aplicação dêsse orifício praticado no solo não é evidente.

As paredes laterais do corredor têm a allura de 1^m,10, e suportavam, como dissemos, uma cobertura em duas águas, reconstituída em parte, formada por grandes pedras topando na aresta superior. A altura máxima da galeria, na perpendicular baixava da referida aresta da cobertura, é de 2^m,10. A êste iecto sobrepunha-se, evidentemente, uma espêssa capa de terra, como, além de outras razões comprovativas (cfr. pág. 202), se deduziu do corte transverso, praticado segundo a linha de declive do terreno. Esta capa de terra, em continuação da que cobria a fornalha, evitaria a infiltração do ar e da água das chuvas pelos interstícios das pedras, calafetando bem a câmara de cremação, como seria necessário.

Ante-câmara. — Este compartimento é vedado do anterior por uma parede transversa ou septo, constituído pela nova Pedra Formosa.

Tem esta Pedra a forma hexagonal e as dimensões de 2^m,34 \times 2^m,15 \times 0^m,20; menos larga 56 cm. que a primitiva Pedra Formosa, menos alta 13 cm. e menos espêssa 4 cm. Mas a configuração geral dos dois blocos é idêntica (fig. 3), apresentando a nova Pedra o mesmo recorte semi-circular na base, apròximadamente com as mesmas dimensões (aqui 50 \times 40 cm.; na antiga 55 \times 55 cm.). Esta espécie de «porta de forno» dá, como dissemos, fácil passagem a uma pessoa (cfr. pág. 252), uma vez que se collocou horizontalmente e entre rastejando, ou então em decúbito dorsal: certamente para auxiliar a entrada de quem quer nesta última posição, possui a abertura, na sua parte

superior interna (fig. 4-corte segundo \overline{DC}), do lado da galeria coberta, uma reentrância, onde as mãos se podem fixar e, assim, exercendo o esforço de tracção, puxam com muita facilidade o corpo para o interior. Esta operação foi muitas vezes espontaneamente praticada, com natural rapidez e desembaraço, pelos operários que trabalharam no desatêrro. Dispositivo semelhante apresenta a antiga Pedra Formosa, particularidade que nos julgávamos outrora para uso bem diverso ⁽¹⁾, em consequência da suposição errônea de a Pedra dever ser mantida horizontalmente.

A ornamentação desta nova Pedra é, como já frisámos (cfr. pág. 201), muito mais singela que a da primitiva. Na face externa devemos distinguir a ornamentação puramente decorativa, constituída por uma série de cordões concêntricos em relêvo, da simbólica, esta última caracterizada por dois trísceles e um disco. O trísceles maior ocupa a parte central e superior da Pedra e tem de diâmetro 40 cm.; o segundo trísceles, à esquerda do observador, tem o diâmetro de 27 cm.; um disco simétrico, ao lado direito, mede os mesmos 27 cm. Os trísceles representarão, possivelmente, a marcha ou revolução solar ou da lua ⁽²⁾; o disco, a própria imagem solar ou lunar. O facto de os ramos ou braços dos trísceles apresentarem direcções opostas, no superior para a direita, no lateral para a esquerda (fig. 3-b), é de uma importância secundária, na opinião autorizada do Conde d'Alviella, pois que o inscultor, pretendendo apenas representar, nestes símbolos astrais, a propriedade de traslaccão do sol através do espaço, e não o sentido do movimento, pouco se preocuparia com a orientação a dar aos raios constitutivos do emblema ⁽³⁾.

A ornamentação interna da Pedra é formada apenas por três fossetas e duas figuras, evidentemente simbólicas: uma de representação vulgar, outra bastante original. A primeira é a cruz equilátera inscrita num círculo, símbolo

⁽¹⁾ V. Monografia de Mário Cardozo, «A Pedra Formosa», — Guimarães, 1929 — pág. 26, nota 1, Est. II.

⁽²⁾ V. Goblet d'Alviella — «La migration des symboles» — Paris, 1891 — pág. 91 a 93.

⁽³⁾ V. Goblet d'Alviella — Ob. cit., pág. 89.

solar ⁽¹⁾ freqüente nas insculpturas rupestres de muitas regiões do Norte de Portugal e da Galiza ⁽²⁾. Na citânia aparecera já uma pequena pedra com esta mesma gravura (fig. 10), não rara nos nossos castros ⁽³⁾. Sarmiento, nos seus Mss. inéditos, de 1886 ⁽⁴⁾, cita, por exemplo, um lugar em Soutêlo (Ancora) onde existem vários penedos com este símbolo, aliado a outros emblemas esquemáticos, como círculos concêntricos, etc. Fora da Península também este sinal é vulgar, desde remota antiguidade ⁽⁵⁾, como por exemplo no Norte da Europa, na Gran-Bretanha ⁽⁶⁾, etc. A cruz da nova Pedra Formosa está inscrita num círculo de 10 cm. de diâmetro, e ocupa apòximadamente a parte média da Pedra, superiormente à abertura de entrada (fig. 4-corte CD). Cerca de 30 cm. para a esquerda, está gravado o outro signo: este, mais original (fig. 11), é constituído por uma figura inspirada, sem dúvida, no suástica flamejante, com a particularidade de apresentar os dois núcleos de irradiação dos braços, que têm um comprimento desigual e irregular, semelhando as línguas de fogo de uma labareda. Poder-lhe-emos chamar suástica *geminado*. ¿Que significação teria esta gravura? ¿Representaria o fogo da



Fig. 10. — Gravura numa pedra da Citânia
(Fot. Sarmiento).

⁽¹⁾ Déchelette — «Manuel d'Arch.» — Paris — t. II (ed. 1924), pág. 458, fig. 190.

⁽²⁾ V. F. Cuevillas e B. Brey — «Os Oestrímnios, os Saefes e a Oñolatria em Galiza» — A Cruña, 1929 — pág. 58.

⁽³⁾ V. *Revista de Guimarães* — 1925 — vol XXII, pág. 23.

⁽⁴⁾ Caderno 43, pág. 41 (in Arquivo Reservado da Bibl. «Sarmiento», da Soc. M. S.).

⁽⁵⁾ V. Mortillet — «Le signe de la croix avant le Christianisme» — Paris, 1866.

⁽⁶⁾ V. Sophus Müller — «Nordische Altertumskunde» — Strassburg, 1897 — vol. I, pág. 169; J. Fergusson — «Rude Stone Monuments» — Londres, 1872 — pág. 157 e 303.

terra, gerador de luz e calor, em concordância com o fogo celeste, dimanado do sol? A forma irregular dos braços desta figura parece, pelo menos, afastar a ideia da representação do movimento ou da imagem solar, atribuída ao suástica vulgar. Inferiormente a estes signos, a face da Pedra contém ainda três pequenas fossetas.

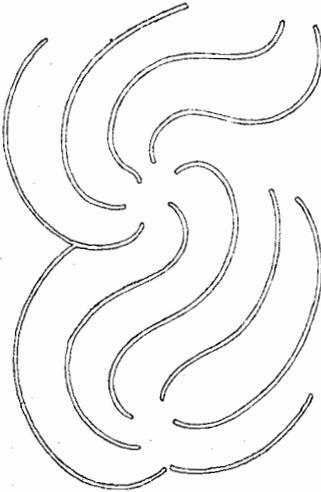


Fig. 11 — Gravura simbólica, no reverso da nova Pedra Formosa (1/4 da gr. nat.)
(Des. do autor).

Na face exterior, voltada à ante-câmara, a Pedra Formosa mostra, na sua parte superior esquerda, junto ao último cordão em relevo, uma inscrição muito mal gravada (fig. 12 e fig. 4, corte EF), com as letras de um traço indeciso e pouco firme, de 3 cm. de altura, mas que permitem ainda ler distintamente a palavra AVCA.

O significado desta legenda, lacónica e enigmática como tôdas as inscrições celtanienses, é-nos desconhecido. Seria um nome de divindade? Um nome de pessoa ou de família? Um toponímico? Seria a própria inscrição gravada muito posteriormente à construção, e até, ao abandono do monumento, nada tendo de comum com êle?

A forma — *auca* não é rara em palavras de origem celtibérica: *Cauca*, por exemplo, oppidum dos *Vacceus*, actualmente *Coca*; *Auca* era também a actual Vila-Franca-de-Montes-d'Oca, perto de Burgos. *Auca* e *Auva* são nomes citados por Holder como cêlticos ⁽¹⁾, aplicados a dois cursos de água.

Freund dá-nos a palavra latina «*auca*» ⁽²⁾ como a contracção de *avica* (de *avis*), com a significação de

(1) V. s. v. «*Auca*» in Alfred Holder — «*Alt-Celtischer Sprachschatz*» — Leipzig, 1896 — vol. I.

(2) W. Freund — «*Grand Dictionnaire de la Langue Latine*» — Paris, 1855.

ganço, ave aquática, e daqui derivaram o italiano e o castelhano *oca* e o francês *oie*. Por seu lado, *avis* deu *avicella*, no diminutivo, e êste têrmo, por contracção, *aucella* ou *aucilla*. É interessante aprôximar estas dependências etimológicas do facto de no sopé do Monte da Citânia passar o rio Ave (de *Avi*, gen. de *Avus*?) (1), que tem como principal afluente o Vizela (*Avicella*). ¿Poderá haver entre a obliterada inscrição agora aparecida e estes factos lingüísticos alguma conexão? Não ousamos affirmá-lo, pois em matéria de interpretações epigráficas é sempre imprudente, sobretudo quando o texto é incompleto



Fig. 12 — Inscrição da nova Pedra Formosa. Letras de 3 cm. de altura.

(Des. do autor).

ou duvidoso, apresentar afirmações demasiadamente arrojadas.

As dimensões da ante-câmara separada pela Pedra Formosa da galeria coberta são — 2^m,20 de largura (a mesma da galeria) por 2^m,55 de comprimento. O pavimento é igualmente, como o da galeria coberta, constituído por três únicas lages, sendo aquela em que assenta a Pedra Formosa a continuação para o exterior da que constitui parte do pavimento da galeria (cf. pág. 252). Estas lages, perfeitamente polidas, apresentam um visível desgaste na linha média longitudinal, junto à porta da Pedra Formosa, e uma suficiente inclinação no sentido oposto a esta porta, para darem rápido escoante a qualquer líquido.

Na extremidade oposta à Pedra Formosa, a respectiva lage do pavimento da ante-câmara apresenta dois rebaixos rectangulares, no sentido da largura, separados

(1) O nome pre-romano mencionado por Mela e Ptolemeu é *Avus*. A designação actual de *Ave*, ou vem, segundo o Sr. L. de V. (*Rel. da Lus.* — Lisboa, 1905 — vol. II, 35 — nota 4), do genitivo *Avi*, ou é uma forma popular.

por um intervalo de 1,^m15; nessas cavidades ajustavam as bases das umbreiras de uma porta, tendo-se encontrado ainda *in situ*, do lado direito do observador, uma das pedras da correspondente umbreira (cfr. pág. 204 e planta da fig. 4). Por sua vez esta pedra de umbreira apresenta, na face voltada à Pedra Formosa, um rasgo vertical onde encaixava o fôpo da respectiva parede lateral da ante-câmara. Os materiais dessa parede, bem como da oposta, não foram encontrados, aparecendo, porém, dois blocos, nos escombros, que bem poderiam ter pertencido a tal lugar (cfr. pág. 204).

¿Seria a cobertura desta ante-câmara como que o prolongamento da cobertura da galeria, e do mesmo sistema de construção? Tudo nos leva a crer que sim, inclusive o facto de as duas pedras avulsas a que acabamos de aludir, que parece terem pertencido às paredes laterais, apresentarem num dos topos os mesmos rasgos em diedro reentrante, que se vêem nas paredes da galeria (cifr. pág. 204), e, como ali, serviriam por certo para o encaixe e fixação das lages da cobertura. Além de que a nova Pedra Formosa apresenta, como fizemos notar, evidentes vestígios, nas suas extremidades laterais e superiores, de uma argamassa (cfr. pág. 202) que vedava evidentemente as fendas, no encôsto das paredes e cobertura da ante-câmara. Mas ¿estes indícios revelam necessariamente uma cobertura de pedra? ¿Não poderia, no caso de esta parte do monumento não estar soterrada, tratar-se de uma simples cobertura de telha ou côlmo? Talvez... tanto mais que a Pedra Formosa apresenta, na parte média do bordo superior, um pequeno rebaixe quadrangular onde ajustaria perfeitamente uma viga de madeira para servir de linha de cume a um telhado (fig. 3-b, fig. 4-corte EF). A mesma aplicação poderia ter sido dada ao orifício circular que se nota na parte superior da antiga Pedra Formosa (fig. 3-a). A nossa opinião, apesar de ludo, é que a ante-câmara seria subterrânea, como a galeria contígua, e portanto revestida superiormente de pedra.

Atrio. — A descoberta desta última parte da edificação que vimos analisando, contendo o tanque atrás mencionado, conjugada com outros factos capitais a que nos havemos de referir, sugeriu-nos outra hipótese interpretativa do monumento, pelo menos tão aceitável como a de sepul-

tura ou de crematório geral para a incineração de cadáveres. Adiante a exporemos.

Este átrio (fig. 4), que era evidentemente a céu aberto ou, quando muito, coberto apenas com um simples telheiro (como se infere da primitiva linha de superfície do terreno, dada pelo corte estratigráfico), apresenta as dimensões de 3^m,10 na largura, por 3^m,90 na linha média longitudinal, e a forma sensivelmente rectangular. O pavimento é de pedra, mas de aparelho irregular e miúdo.

Tal recinto foi já suficientemente descrito em todos os seus detalhes, a págs. 208-209, tornando-se, portanto, dispensáveis novos comentários.

Não terminaremos, todavia, a descrição do monumento, sem nos referirmos a certos objectos encontrados no seu interior, no decorrer das escavações, constituindo o espólio, pôsto que bem deficiente.

Espólio. — Uma grande falta foi cometida no decurso da exploração: — o aproveitamento imediato, sem uma crivagem prévia, das terras removidas do interior, as quais eram logo consumidas nos aterros da estrada em construção, sendo possível, desta forma, que alguns objectos miúdos se perdessem. Não atribuímos, porém, a culpa desta grave deficiência ao Sr. Dr. F. R., que dirigiu os serviços, mas à simples precipitação e urgência com que a escavação se fazia, por falta de uma verba suficientemente larga para mais demorados e minuciosos trabalhos. Apareceram, apenas, uma das vulgares fivelas circulares, de bronze, três pequenos fragmentos de ferro, muito carcomidos, não deixando por isso perceber o uso que tiveram, e alguns fragmentos cerâmicos incaracterísticos, de pastas e grossuras várias, sem decoração, do mesmo tipo dos que usualmente se encontram nas habitações da Citânia. Todos estes objectos, aliás em diminuta quantidade, parece terem sido materiais carregados pelas aluviões, da vertente do Monte, não pertencendo pois ao monumento, tanto mais que, a poucos metros de distância, e nesse lado superior da encosta, aparecem vestígios de alicerces de casas.

Em granito, além das numerosas pedras roladas, a que atrás nos referimos (cfr. pág. 206), apareceram também três fragmentos de pilares quadrangulares, de 18 cm. de espessura, cujo fim e colocação no monumento não são explicáveis, a não ser que os consideremos espécies de

colunas ou esteios para a sustentação de um alpendre sobre o átrio.

Pôsto isto, é tempo de apresentarmos algumas considerações que nos facultem elementos concretos para a possível explicação e esclarecimento do uso a que se destinaria o notável monumento citaniense.

(Continua).

MÁRIO CARDOZO.